

ALAIN TOURAINE, UM SOCIÓLOGO EM UM SÉCULO DE PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES

ALAIN TOURAINE, A SOCIOLOGIST IN A CENTURY OF DEEP TRANSFORMATIONS

Geoffrey Pleyers

Investigador no Fundo Nacional para a Investigação Científica (FNRS) e professor de Sociologia na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), onde coordena o grupo de investigação Social Movements in the Global Age (SMAG). É doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, 2006), onde estudou com Alain Touraine. Atualmente é presidente da Associação Internacional de Sociologia (2023-2027). Seus principais livros são: *Alter-globalization: becoming actors in the global age* (Polity Press, 2010) e *Social movements in the 21st century* (CLACSO, 2018). É editor de mais de 20 livros e revistas, incluindo *Chile en movimientos* (CLACSO, 2023), que coordenou com Karla Henríquez. Entre os artigos recentes, estão: "Por uma sociologia global dos movimentos sociais: para além do globalismo metodológico e do extrativismo" (*Globalizations*, 2023), "A guerra de deuses no Brasil: da teologia da libertação a Bolsonaro" (*Educação e Sociedade*, 2020) e "Sociologia global: quatro transformações" (*Global Dialogue*, 2023).

O sociólogo francês Alain Touraine faleceu em 9 de junho de 2023. Em razão de sua vida intelectual e pessoal (sua esposa Adriana Arenas era chilena), Alain Touraine foi estreitamente vinculado à América Latina. Ele e a esposa estiveram em Santiago durante o governo da coalizão de esquerda União Popular, de Salvador Allende, e no golpe de Estado de Pinochet. Quinze anos mais tarde, lançou sua principal obra sobre a América Latina, *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina* (*La palabra y la sangre sobre América Latina. Política y sociedad*, no original), que retrata o continente alguns anos depois do declínio das ditaduras militares. Em sua passagem pela América Latina ministrou inúmeras conferências e formou dezenas de sociólogos. Manteve muitas amizades e vínculos fortes no Brasil, no Chile e no México.

Nascido em 1925, Touraine graduou-se em história na École Normale Supérieure, em 1950. Dedicou os primeiros 20 anos à investigação sociológica da sociedade industrial e do grande conflito social que a impulsionava. Seu trabalho estava então no centro da vida social, e ele o valorizava profundamente. Entretanto, Touraine também foi um dos primeiros a captar a mudança avassaladora que a sociedade pós-industrial implicaria, desde o final dos anos 1960. Os conflitos para a distribuição dos recursos não desapareceram, nem as fábricas deixaram de funcionar, porém na sociedade que emergia, a cultura, a educação, a informação e a comunicação superaram progressivamente a produção de bens materiais na orientação da sociedade e dos conflitos sociais. A dominação não era exercida exclusivamente nos locais de trabalho, mas também em outros cenários como na formação escolar, no consumismo e na informação. Portanto, a resistência e a transformação da sociedade aconteciam também nessas arenas. Com a expansão do acesso aos estudos superiores e ao consumo de bens materiais e culturais, os trabalhadores iniciaram greves massivas, os povos do Leste Europeu, os estudantes afro-americanos nos Estados Unidos e os estudantes do México clamavam por democracia. Longe do modelo de protestos da sociedade industrial, os estudantes de 1968 proclamaram uma revolução criativa e cultural contra um modelo social, cultural e político que seguia dominante.

Touraine estudou a sociedade pós-industrial que emergia diante de seus olhos através dos movimentos sociais que a produziam: os estudantes, as feministas, os ecologistas e o sindicato polaco Solidarnosc. Progressivamente, o sociólogo foi dando cada vez mais espaço e importância ao sujeito pessoal, ao indivíduo que busca se converter em autor de sua vida e ator ético de sua sociedade, a ponto de considerar esse sujeito pessoal como um ator histórico central do mundo contemporâneo. Com essa perspectiva, Touraine percebeu antes de muitos a importância crescente da afirmação da dignidade e da exigência de respeito nos movimentos contemporâneos. Considerou o zapatismo como um dos movimentos que melhor encarnava essa perspectiva. A centralidade da afirmação da dignidade diante dos sistemas e regimes opressores ia difundir-se em todos os continentes com as revoluções e revoltas cidadãos que marcaram a década de 2010, desde as revoluções árabes até a rebelião chilena. Porém, a afirmação do sujeito pessoal também acontece em espaços menos visíveis, mesmo na vida



cotidiana e nos conflitos internos dos indivíduos, em “uma resistência da entidade singular à produção em massa, ao consumo de massa e às comunicações de massa através dos meios massivos de comunicação. Não podemos nos opor a esta invasão por princípios universais, mas sim através da resistência de nossa experiência singular”, escrevia Touraine, em 2002.

A sociedade mudou drasticamente desde a sociedade industrial na qual Touraine havia crescido e que havia investigado. Não só no âmbito material ou dos fluxos de informação que estudou com tanto brilho seu aluno Manuel Castells. Também tinham mudado suas principais “orientações culturais”. Como explicou em 2005, “se tornou difícil acreditar [como foi o caso na sociedade industrial], que só integrando-nos à sociedade, às suas normas e leis, o ser humano pode se converter em um indivíduo livre e responsável”. Em nosso mundo, não são mais a sociedade e o social o que constitui o critério de definição do bem e do mal, mas sim o indivíduo-sujeito dentro de sua liberdade criadora e enquanto criador da própria existência, autor de sua vida e de sua ética. Porém, diante deles surgiram novos “poderes totais”, que procuram alcançar um controle sobre as orientações culturais, até na parte mais íntima do indivíduo, e movimentos reacionários que por trás do antigo apelo à ordem se opunham às emancipações dos sujeitos dignos em nossa era da modernidade tardia, a qual dedicou sua obra nos últimos 15 anos.

Continuou trabalhando de maneira incansável até o fim em sua sala cheia de livros em Montparnasse e com a força de suas ideias e sua capacidade para captar os acontecimentos essenciais, sempre movido por seu afã de compreender este mundo. Aos 97 anos, seu pensamento seguia tão vivo como sempre. E, como sempre, estava trabalhando em seu próximo livro. Touraine deixa um mundo em plena convulsão. Suas análises farão falta para ajudar a entendê-lo. Porém, também nos deixam ferramentas analíticas e conceituais, uma visão do mundo e da Sociologia, além dos vários sociólogos latino-americanos que formou ou inspirou para entender o mundo contemporâneo e contribuir para transformá-lo. Ensinou a todos a ver o mundo e as sociedades não como entidades fixas ou sistemas de pura dominação dos atores, mas em transformação pela ação e pelas ideias dos atores e movimentos sociais. Seu legado é imenso.